

## PREVENÇÃO À EXPOSIÇÃO SOLAR: PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA DE SURF

### SUN EXPOSURE PREVENTION: PERCEPTION OF STUDENTS OF A SURF SCHOOL

Mônica Cordeiro Ximenes de Oliveira<sup>1</sup>

Kamily Emanuele Parente Aragão<sup>2</sup>

Nagila Arruda Reis<sup>3</sup>

Leticia Soares Da Silva<sup>4</sup>

Monique Maia Costa<sup>5</sup>

Lorayne Elimily Matos de Sousa<sup>6</sup>

Mayara Feitosa Araújo<sup>7</sup>

Francisca Neila Silva Nascimento<sup>8</sup>

**Resumo:** Apesar de campanhas preventivas darem ênfase aos riscos da exposição ao sol, os dados da literatura demonstram que 50% dos adolescentes bronzeariam-se intencionalmente sem o uso de proteção adequada. O estudo teve como objetivo conhecer a percepção dos alunos da escola beneficente de surf sobre a prevenção à exposição solar. Pesquisa de campo com abordagem qualitativa realizada na Escola Beneficente de Surf na Comunidade Serviluz em Fortaleza, no período de março e abril de 2017. Foram realizadas 10 entrevistas com alunos do sexo masculino com idade entre 12 e 18 anos. Posteriormente interpretadas através da análise de narrativa e da Antropologia Interpretativa. Com o estudo, foi possível compreender que os alunos não possuem conhecimento aprofundado sobre os riscos que o sol pode ocasionar-lhes, eles necessitam tomar consciência dos hábitos protetores e da valorização das medidas preventivas, como uso de protetor solar, roupas, óculos escuros e objetos que os protejam do sol.

**Palavras-chave:** Fotoprotetor; Prevenção; Exposição solar.

**Abstract:** Although preventive campaigns emphasize the risks of sun exposure, literature data show that 50% of adolescents intentionally tan without the use of adequate protection. The study aimed to know the perception of students of the charity surf school about the prevention of sun exposure. Field research with

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora no Centro Universitário Christus (Unichristus), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [m.cordeirox@gmail.com](mailto:m.cordeirox@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Fisioterapia no Centro Universitário Christus (Unichristus), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [kamilyemanuele98@gmail.com](mailto:kamilyemanuele98@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda em Fisioterapia no Centro Universitário Christus (Unichristus), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [nagila.victor@gmail.com](mailto:nagila.victor@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduanda em Fisioterapia no Centro Universitário Christus (Unichristus), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [silva.leticia@outlook.com](mailto:silva.leticia@outlook.com)

<sup>5</sup> Graduanda em Fisioterapia no Centro Universitário Christus (Unichristus), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [nique\\_maiacosta@hotmail.com](mailto:nique_maiacosta@hotmail.com)

<sup>6</sup> Graduanda em Fisioterapia no Centro Universitário Christus (Unichristus), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [lorayneemilly@hotmail.com](mailto:lorayneemilly@hotmail.com)

<sup>7</sup> Graduanda em Fisioterapia no Centro Universitário Christus (Unichristus), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [maya\\_araujo@hotmail.com](mailto:maya_araujo@hotmail.com)

<sup>8</sup> Graduanda em Fisioterapia no Centro Universitário Christus (Unichristus), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: [neilasilvanascimento@gmail.com](mailto:neilasilvanascimento@gmail.com)

qualitative approach carried out at the Serviluz Community Beneficent Surf School in Fortaleza, from March to April 2017. Ten interviews were conducted with male students aged between 12 and 18 years. Subsequently interpreted through narrative analysis and interpretive anthropology. With the study, it was possible to understand that the students do not have in-depth knowledge about the risks that the sun can cause them, they need to be aware of the protective habits and the valorization of the preventive measures, such as the use of sunscreen, clothes, sunglasses and objects that protect them from the sun.

**Keywords:** Photoprotector; Prevention; Sun exposure.

## Introdução

Silva *et al.*, (2015) argumenta que no Brasil o câncer de pele não melanoma é o tumor mais incidente em ambos os sexos. Para a Sociedade Brasileira de Dermatologia (2012) a radiação ultravioleta é a principal responsável pelo desenvolvimento de tumores cutâneos, e a maioria dos casos está associada à exposição excessiva ao sol ou ao uso de câmara de bronzeamento.

Os dados do Instituto Nacional de Pesquisas Especiais (INPE), Silva *et al.*, (2015) referem que mostram que o Índice Ultravioleta (IUV) da maioria das capitais brasileiras encontram-se em níveis considerados muito altos ou extremos. Em Fortaleza e na maioria do Nordeste chega a se consultar IUV em 12 quase diariamente, outras capitais como Porto Alegre constam IUV em 8 ou mais. Na visão dos autores essa informação já seria o suficiente para motivar a população brasileira ao uso de protetores solares e barreiras físicas contra o sol.

De acordo com Ceretta *et al.*, (2012) os danos causados pela exposição inadequada à radiação ultravioleta são cumulativos e podem acarretar alterações na pele, desde fotoenvelhecimento até câncer. A Sociedade Brasileira de Dermatologia (2006), reconhece que a exposição cumulativa aos raios ultravioletas durante os vinte primeiros anos de vida.

Na concepção de Flor e Davalos (2007), a radiação ultravioleta (UV), traz benefícios ao ser humano, como a síntese de vitamina D, a sensação de bem-estar físico e mental e a geração de melanina para proteção da pele. Entretanto, esclarecem os autores, se não forem tomados os cuidados necessários de proteção essas radiações podem ocasionar uma série de efeitos prejudiciais, como queimaduras, mudança de pigmentação da pele e neoplasias.

O estudo realizado por Souza *et al.*, (2009) reforça que entre janeiro de 2000 a dezembro de 2007, somente no Estado de São Paulo, foram diagnosticados 42.184 casos de carcinoma basocelular e de carcinoma espinocelular.

Nesse sentido, o estudo de Lima *et al.*, (2010) revela dados epidemiológicos da Sociedade Brasileira de Dermatologia que 62,5% das pessoas com diagnóstico positivo de câncer de pele são mulheres e 37,5% homens. Apesar das mulheres representarem uma maior incidência de câncer de pele, os homens estão mais predispostos a desenvolverem a neoplasia devido a sua má forma e insuficiente de se protegerem.

Em 2012, a incidência de câncer de pele, melanoma e não melanoma foi de 13,57% no Brasil. Para 2014 o Instituto Nacional de Câncer (INCA) estimava 182.130 casos novos de câncer de pele não melanoma, 98,420 casos novos em homens e 83.710 nas mulheres para o país (INCA, 2014).

Na tese de Souza *et al.*, (2009) estes resultados geraram um gasto ao Sistema Único de Saúde da ordem de R\$ 37.773.449,92 para o tratamento de câncer de pele tipo não melanoma e R\$ 33.012.725,10 para o de 2.740 pessoas diagnosticadas com melanoma cutâneo. Somente esses números, indicam a importância de medidas preventivas para que a população obtenha hábitos que evitem o surgimento dessas neoplasias.

Nesse contexto, o estudo de Bakos *et al.*, (2006) reconhece que a radiação ultravioleta tem sido considerada, nos últimos anos, como o principal fator de risco ambiental para o desenvolvimento do melanoma de neoplasias cutâneas não melanocíticas. Além disso, é responsável por outros danos imediatos e em longo prazo, visto que as exposições agudas exageradas ao sol geram imunossupressão e queimaduras, por vezes dolorosas, no tegumento. Outro fator preocupante para os autores é que o acúmulo de exposições à radiação UV leva também ao fator envelhecimento precoce.

Na observação de Souza (2008), nesse contexto, deve-se considerar os hábitos da população em geral, visto que, grande parte das pessoas se submete de maneira excessiva às radiações solares quase que diariamente.

Bakos *et al.*, (2006) complementam que as evidências normalmente demonstram que a exposição solar em crianças e adolescentes está intimamente relacionada com o desenvolvimento das neoplasias cutâneas no adulto. Muitos trabalhos realizados com ciclistas, triatletas e crianças em atividades desportivas demonstraram que a quantidade de irradiação absorvida é sempre elevada e, por vezes, difícil de medir, levando a queimaduras.

Autores trazem uma preocupação com relação ao excesso de exposição da pele à luz ultravioleta, principalmente entre os jovens. Para os autores essa questão é um problema crescente no mundo devido às mudanças de hábito da população como a

valorização estética do bronzamento da pele, favorecendo o hábito do bronzamento artificial, uso de roupas que deixam o corpo mais exposto, a rarefação da camada de ozônio e a prática de esportes ao ar livre sem proteção adequada.

O estudo de Bakos *et al.*, (2006) traz um argumento sobre essa proteção quando reforça que a utilização adequada de vestimentas e acessórios como chapéus, óculos escuros e sombrinhas são efetivos na proteção contra os danos causados pelos raios solares. Afirmam que os foto protetores podem filtrar e absorver a radiação ultravioleta (R-UV) e, sobretudo, vetar para que esta penetre em grandes quantidades na pele. Essa proteção favorece a prevenção do foto envelhecimento, ocasiona a diminuição do desenvolvimento de uma resposta inflamatória pelas células da pele e o aparecimento de queimaduras, alterações irreversíveis na molécula de DNA.

Silva *et al.*, (2015) esclarecem que o uso de camisetas, bonés e guarda-sol é de extrema importância, e o uso de ambas as medidas protetoras são cumulativas. Ou seja, o uso tanto de fotoprotetores como de barreiras físicas potencializa o efeito da defesa do organismo.

A Organização Mundial de Saúde prevê como medidas de proteção: limitar a exposição solar em horários próximos ao meio-dia, preferir áreas de sombra, usar roupas de proteção e óculos de sol, aplicar protetor solar diariamente e reaplicá-lo a cada duas horas ou após o trabalho, a natação, o jogo ou os exercícios ao ar livre (BRASIL, 2012).

Conforme Tucunduva *et al.*, (2004) programas de prevenção de neoplasias demonstraram diminuir as taxas de morbidade e mortalidade. Entre as estratégias de prevenção, está a redução à exposição solar de adolescentes e crianças, período em que permanecem grande parte do tempo ao ar livre.

Estudos realizados por Freitas *et al.*, (2009) demonstraram a necessidade de programas de prevenção primária e secundária. Entre as estratégias de prevenção primária de neoplasias, estão a orientação quanto à associação ao sol e ao câncer da pele, à aplicação correta de protetor solar, chapéus e óculos de sol adequados; restrição do tempo de exposição ao sol e evitação de fontes artificiais de radiação ultravioleta (como bronzamento artificial). Tais ações demonstram ser efetivas e de baixo custo. De acordo com a Sociedade Brasileira de Dermatologia (2006), a prevenção secundária consiste no diagnóstico precoce e tratamento oportuno do câncer de pele.

Segundo Purim e Wroblevsk (2014), a pesquisa realizada na Universidade do Texas com 20 estudantes de Medicina mostrou que a maioria não sabia como fazer uso correto do protetor solar e com que frequência reaplicá-lo. Práticas prejudiciais, como o

bronzeamento artificial, foram comuns nestes estudantes, tendo como justificativa a falsa premissa de que o câncer de pele não seria tão grave quanto os demais cânceres e que produtos cosméticos são capazes de reverter os danos solares. Uma investigação com estudantes de Medicina do primeiro e segundo ano da Universidade de Miami demonstrou como é subestimado o risco de se ter uma pele bronzeada. Mais de dois terços dos estudantes avaliados referiram preferir sua aparência bronzeada frente aos cuidados com o sol.

Haack, Horta e Cesar (2008) comentam que no Brasil, estudo realizado em Pelotas (RS) com adolescentes e jovens entre 10 e 29 anos mostrou pelo menos um episódio de queimadura solar em 48,7% dos participantes. Costa e Weber (2004), avaliando em Porto Alegre (RS), indivíduos jovens na faixa etária média de 22,7 anos, encontraram exposição solar entre as 10 e 15 horas de 43,7%. Neste mesmo grupo, o uso de filtro solar foi de 85,2%, mas apenas 35% usavam durante a prática esportiva ao ar livre e 17,9% durante o ano todo, verificando-se a falsa concepção de que o sol é intenso apenas no verão.

Castilho (2010) relata que uma investigação realizada na Universidade Católica de Brasília com estudantes da faixa etária de 20 anos revelou que, apesar de 83,9% afirmarem o uso de filtro solar, apenas 25% faziam uso diário.

Fabris e Martignago (2009) reforçam sobre essa questão e referem que em Criciúma (SC), uma pesquisa mostrou que frequentadores de academia de ginástica com média de idade de 27,6 anos tinham informações sobre os efeitos maléficos da exposição solar, mas ainda assim não inseriram em seus hábitos as medidas de fotoproteção de forma adequada. No Paraná, faltam informações acerca destes cuidados quanto à saúde da pele entre os jovens.

Com base nos dados epidemiológicos, dos estudos referidos acima, fica evidente que a argumentação levantada por Bakos *et al.*, (2006), de que a pele está constantemente exposta a agressões e alterações provocadas pelos raios solares e pela componente ultravioleta da radiação solar e com isso, necessita de medidas preventivas contra a R-UV e, sobretudo, que sejam conhecidas e amplamente propagadas para que a população possa desenvolver e manter hábitos de proteção bem como contribuir para a qualidade de vida e redução dos casos de câncer de pele no País.

Rizzatti, Schneider e D' Orsi (2011) ressaltam que considerando-se que um indivíduo se expõe a 75% da radiação ultravioleta (UVA e UVB) nos primeiros 20 anos de vida, campanhas educativas que visam à conscientização dos riscos à saúde da pele e da importância do uso de medidas fotoprotetoras são de extrema importância.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Dermatologia (2012) a Campanha Nacional de Prevenção do Câncer de pele tem como objetivo detectar lesões pré-malignas e malignas, além de informar à população sobre os riscos da fotoexposição excessiva e os cuidados necessários para a prevenção do câncer de pele.

Nesse contexto, Lima *et al.*, (2010) afirmam que há necessidade de se estabelecer estratégias que visem diminuir os problemas levantados devido à exposição solar. Por meio de ações preventivas, incentivaram-se medidas de fotoproteção. Devido aos riscos a que população está exposta, faz-se necessária a implementação de ações voltadas para a educação em saúde, com o intuito de conscientizar as pessoas sobre os danos a que são expostos diariamente em relação à radiação solar.

Em consonância com as necessidades atuais de saúde e tendo em vista as peculiaridades geoclimáticas nacionais e de miscigenação populacional, a Sociedade Brasileira de Dermatologia (2013) elaborou o Consenso Brasileiro de Fotoproteção, que apresenta o primeiro documento oficial sobre fotoproteção desenvolvido em nosso país e focado na população brasileira.

Purim, Titski e Leite (2013) reforçam que, de acordo com a Sociedade Brasileira de Dermatologia (2013), a exposição ao sol no período entre 10 e 15 horas não é recomendada, porém nas regiões brasileiras com horário de verão, a restrição deve ser até 16 horas. O Consenso recomenda o uso de protetores solares de FPS mínimo de 30, embora produtos com FPS mais altos devam estar disponíveis somente em situações específicas, como em pacientes com maior sensibilidade ao sol ou antecedentes pessoais ou familiares de câncer de pele. A reaplicação dos fotoprotetores deve ser feita a cada duas horas ou após longos períodos de imersão.

Para os autores acima, o Consenso incentiva ainda ações de foto educação, como a abordagem de crianças e adolescentes nas escolas por meio da inclusão no plano de ensino e instrumentos educativos, como websites e redes sociais. Também amplia esta preocupação no âmbito da Medicina do Trabalho, com legislação específica para transformação do uso de protetor solar e medidas fotoprotetoras, como equipamento de proteção individual (EPI) para trabalhadores que exerçam função em ambiente externo. Estes cuidados devem ser enfatizados também para praticantes amadores ou profissionais de atividades físicas.

Com relação a estes cuidados, o estudo de Nora *et al.*, (2004) reforça que as atividades desenvolvidas ao ar livre podem representar risco aumentado de desenvolver afecções dermatológicas, principalmente quando executadas sem a proteção solar

adequada. Popim *et al.*, (2008) complementam que a exposição solar desprotegida traz como consequências queimaduras, manchas cutâneas, envelhecimento e câncer da pele.

Nesse sentido, é significativo reforçar a valorização dos conhecimentos, das crenças, dos valores e das normas sobre a proteção solar aos indivíduos. Na visão de Cestari (2005), esses argumentos são entendidos de uma forma ampla e heterogênea e, por isso, é fundamental que haja, constantemente, uma reorientação sobre essas fotoproteção solares nos serviços de saúde.

Na maneira apresentada pela literatura sobre o objeto de estudo pode-se reconhecer que o aquecimento global e o aumento da intensidade da radiação solar contribuíram para o aparecimento do câncer da pele. Nesse contexto, considera-se que essa questão se tornou um problema de saúde pública mundial, devido a elevação de sua incidência nas últimas três décadas.

Assim, compreende-se que ações educativas devem ser um dos princípios norteadores que se apresentam de grande importância para que a população tenha acesso às informações e aos conhecimentos sobre o funcionamento e uso das medidas protetoras para os processos de promoção e prevenção na saúde comunitária.

O estudo de Meyer *et al.*, (2012) é uma referência para a justificativa desse estudo, pois os autores consideram que o Sistema Único de Saúde(SUS), deveria reforçar uma política de prevenção ao câncer de pele, bem como conscientizar a população da importância do uso frequente de foto protetor.

A esse respeito Batista *et al.*, (2013) pondera que os filtros solares têm alto custo e não são fornecidos pelo SUS e que o acesso, a adesão ao produto é inferiores em famílias de baixa renda.

Nesta política de prevenção, identifica-se a necessidade do trabalho de uma equipe multidisciplinar de saúde. Os profissionais que atuam nas equipes inseridas no Programa de Escola de Família, Agentes Comunitários de Saúde, exercem um papel significativo, visto que atuam como facilitador e o mais significativo nesse processo, uma vez que pode ser trabalhada a educação e a saúde na comunidade local.

Essas informações, na visão de Rocha (2018), são básicas na formação de qualquer profissional da área de saúde e devem ser contempladas durante a graduação. Profissionais capacitados a transmitir esses ensinamentos e estimular a comunidade para a fotoproteção podem contribuir para uma possível redução na incidência de câncer de pele.

De acordo com a problematização acima sobre o objeto de estudo tivemos como pergunta de partida qual o conhecimento dos alunos da escola beneficente de surf sobre a prevenção à exposição solar?

Para isso o estudo teve como objetivo conhecer a percepção dos alunos da escola beneficente de surf sobre a prevenção à exposição solar.

## 2 Metodologia

O estudo ora apresentado é resultado de uma pesquisa desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso em 2017 e que foi apresentado e teve o paper publicado na Ata do Congresso Investigação Qualitativa em Saúde (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Para a construção metodológica, optou-se pela pesquisa de campo com abordagem qualitativa, levando-se em consideração as orientações de Minayo (2012) quando refere que a pesquisa qualitativa responde a temas particulares, trabalha com questões sociais e, sobretudo, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, como alguns significados, crenças, valores.

Nesse sentido, De Sordi (2013), complementa que a pesquisa qualitativa emprega técnicas interpretativas para análise e compreensão de fenômenos, de natureza subjetiva. Bosi (2012) complementa e ressalta a importância dos trabalhos qualitativos feitos na área da saúde coletiva, nesse sentido, é que consideramos significativo a escolha dessa metodologia, visto que, buscamos um olhar mais dos aspectos subjetivos dos indivíduos envolvidos na confecção do estudo.

Para Belei *et al.*, (2011), o uso de entrevistas durante um estudo qualitativo enriquece a pesquisa, devido a liberdade de expressão dado a população de estudo para expressar seu ponto de vista sobre as perguntas propostas. Essa forma de estudo garante um maior conhecimento sobre o tema, otimizando a abordagem do tema escolhido.

A pesquisa foi realizada na Escola Beneficente de Surf Titanzinho na Comunidade Serviluz, FORTALEZA – CE e ocorreu durante os meses de março e abril de 2017. A escolha do lócus do estudo se deu por fazermos parte de um projeto de extensão em Educação Popular e Saúde Comunitária do Centro Universitário Christus desde 2015 coordenado pela professora Mônica Cordeiro. O projeto acontece todas as quintas feiras a tarde de 13:30 às 17:30 na Comunidade Serviluz com um grupo de crianças e adolescentes que participam na Escola de Surf e com um grupo de 15 mulheres que participam de aulas de artesanato dentre outras atividades realizadas com os dois grupo.



Para Turrato (2003) as entrevistas na pesquisa qualitativa não visam produzir dados quantificados e, portanto, não precisam ser numerosas. Os sujeitos da pesquisa qualitativa não são determinados por regras inflexíveis. Com esse sentido fizeram parte do estudo dez alunos do sexo masculino, que estavam matriculados no período do estudo na faixa etária entre 12 a 18 anos. A participação e inclusão efetiva de alunos do sexo masculino se deu em virtude de que no período da coleta de dados não havia nenhuma aluna matriculada na escola de surf. Para o aluno participar do projeto do surf ele precisa estar devidamente matriculado na escola.

Para a coleta dos dados, usamos entrevista semiestruturada que foram apreendidas por meio de anotações gravações de voz. Minayo (2013) ressalta que os roteiros devem funcionar como lembretes e que devem ser construídos de forma que permitam a flexibilidade nas conversas e tragam questões dos interlocutores como sua estrutura de relevância. Ainda fazendo referência à ideia da autora, cabe salientar que toda observação participante deve ser também registrada em um diário de campo. Esse instrumento é de suma importância para o pesquisado, porque é nele que serão anotadas todas as informações que não sejam registros das entrevistas, como conversas informais, comportamentos, gestos, crenças e hábitos.

O roteiro foi estruturado em dois blocos de perguntas: o primeiro contemplando o conhecimento sobre a prevenção- O que você sabe sobre a prevenção à exposição solar? Já falaram para você que o sol pode dar problemas na pele? Alguém ou Profissional já explicou a você sobre a necessidade de prevenir antes de entrar no mar? E o segundo sobre os hábitos de foto proteção e prevenção: O que você tem feito para cuidar da sua pele? Algum dia você já procurou ajuda de profissionais de saúde para orientar sobre a prevenção do sol? Você busca tomar alguma medida para se prevenir do sol? Alguém na sua família tem problemas na pele?

Os horários das entrevistas foram variados, de manhã e de tarde, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados e realizadas na Escola de Surf. Os áudios das entrevistas foram registrados em gravador de voz, sendo que cada durou em média 30 minutos. As entrevistas foram agendadas com os participantes após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foram assinadas pela coordenadora da escola de surf, visto que, os alunos que frequentam a escolinha de surf muitos não moram mais com as mães e outros as mães trabalham e delegam a responsabilidade para os coordenadores da escola de surf.

Na expectativa de extrair significados dos atores envolvidos, optamos pela análise de narrativa, conforme sugere Minayo (2012), pautando-se no entendimento de que narrativas são capazes de dar sentido a todo o contexto como a metodologia adequada para a análise dos dados da pesquisa. As entrevistas narrativas são, pois, técnicas para gerar histórias e, por isso, podem ser analisadas de diferentes formas após a captação e a transcrição dos dados.

No que se refere à construção de sentidos é significativo destacar a contribuição da Antropologia Interpretativa, como aporte teórico, para um estudo em que se empreende uma análise de narrativas. Para tal fim, Geertz (1989) explica que os indivíduos subjetivamente percebem a realidade como dotada de uma realidade objetiva e intersubjetivamente e a legitimam, dotando-a de uma quase materialidade que possibilita o convívio humano em uma rede de significados comuns.

O estudo teve parecer de número: 1.881.722 do Comitê de Ética em Pesquisa da Unichristus. Após a análise das informações, conforme a metodologia da pesquisa, destacaram-se dois núcleos de sentido relevantes em relação à narrativa dos alunos da escola de surf sobre a prevenção contra a exposição solar: Conhecimento e cuidados sobre a prevenção solar e Hábitos de foto proteção e prevenção.

### **3 Resultados e Discussão**

#### **3.1 conhecimento e cuidados sobre a prevenção solar**

Castilho, Sousa e Leite (2010) comentam que, apesar de bem estabelecida a relação entre exposição solar e desenvolvimento de câncer de pele, as medidas de proteção não são empregadas universalmente. Na observação do autor, os jovens apresentam-se como grupo de risco neste aspecto, pelo maior tempo de atividades ao ar livre, apelo estético da pele bronzeada e, normalmente, pela exposição solar inadequada e desprotegida.

Nesse sentido, segundo o autor, existe certo conhecimento sobre a exposição solar, no entanto, percebe-se, normalmente, que, apesar da preocupação com a exposição solar e as suas consequências por parte do poder público, ainda se vê o quanto essa condição merece um acompanhamento e um cuidado nas ações das equipes multidisciplinares que fazem parte da Atenção Primária.

O estudo realizado por Bardini, Lourenço, Fissmer (2012), em relação ao conhecimento dos pacientes sobre o sol e as doenças da pele relacionadas à exposição

solar, traz dados significativos, visto que referem que 81% dos pacientes afirmaram conhecer os efeitos negativos do sol. Como questão aberta, os pacientes puderam citar exemplos de prejuízos causados pela exposição solar. Os mais frequentemente relatados foram câncer da pele (57,9%), manchas na pele (18,3%) e queimaduras solares (7,8%). Outros exemplos citados foram envelhecimento precoce da pele, rosácea e prejuízos à visão. Cerca de 12% afirmaram não saber exemplos de prejuízos causados pelo sol.

Sobre as orientações efetivas quanto ao cuidado com o câncer de pele e as medidas de proteção, as entrevistas a seguir dão uma demonstração de que as informações são passadas pela escola. Entretanto, identificou-se, nas falas dos alunos, nenhuma orientação e ações efetivas na Atenção Primária.

Na escola já ouvi falar pouco sobre o cuidado com o sol, minha mãe fica no meu pé pra tomar cuidado (A - 6).

Escutei sobre o sol, que você pode pegar o câncer de pele e outras doenças (A-3).

Eu já ouvi falar que não deve ficar muito no sol, só quando tiver mais frio e usar sempre protetor solar (A-2).

Eu já escutei na minha escola, que era pra se cuidar e tomar cuidado com o sol (A-1).

Eu já escutei na escola e escutei agora através da Senhora, pra tomar cuidado com o sol, porque ele pode dá câncer e temos que tomar cuidado e passar o protetor solar (A-5).

Bonfá *et al.*, (2014) salienta que pesquisas mostram significativo conhecimento da população acerca do tema, o que, entretanto, não se reflete em práticas e medidas de proteção adequadas.

Outra informação relevante no estudo é sobre o cuidado com a prevenção solar e as mudanças ocorridas na pele, como está demonstrada nas entrevistas abaixo:

Não cuido da pele. Eu era mais clarinho, e eu comecei a surfar, com algumas semanas, a minha pele começou a ficar preta, meus cabelos começaram a ficar loiro (A6).

Eu vi a minha pele escurecendo, eu acho negativo, porque eu não queria tá nessa cor (A2).

Tem algumas pessoas que não cuida da pele, tipo eu, ai pega uma doença de pele e outas doenças ai, por causa do sol (A4).

Tem um ano e três meses que estou surfando. Eu vi mudança na minha pele, ela tá ficando mais preta. Eu uso só o colete, não uso protetor solar (A3).

Segundo a Sociedade Brasileira de Dermatologia (2006), entre as estratégias de prevenção primária de neoplasias estão à orientação quanto à associação ao sol e o câncer

da pele, a aplicação correta de protetor solar, chapéus e óculos de sol adequados; restrição do tempo de exposição ao sol e evitação de fontes artificiais de radiação ultravioleta (como bronzeamento artificial), todas essas ações demonstram ser efetivas e de baixo custo. A prevenção secundária consiste no diagnóstico precoce e tratamento oportuno do câncer de pele.

Um estudo realizado por Chinem e Mio (2010), no Brasil, apresenta que 115.000 novos casos de câncer de pele não melanoma foram diagnosticados, por isto o encaminhamento ao profissional especializado quando suspeito de alguma alteração cutânea é fundamental, pois as lesões possuem chances de cura quando tratadas precocemente.

Costa e Weber (2004) reforçam que apesar de campanhas preventivas darem ênfase aos riscos da exposição ao sol, os dados da literatura demonstram que 50% dos adolescentes bronzeiam-se intencionalmente sem o uso de proteção adequada.

Bonfá *et al.*, (2014) apresentam os dados de uma pesquisa com 117 crianças quanto aos hábitos de exposição solar. O estudo traz que a maioria das crianças (61%) declarou expor-se em horários adequados, mas 37,3% delas relataram exposição entre 10h e 16h.

Relacionado a esse fato, a pesquisa de Oliveira *et al.*, (2017) revelou, através das entrevistas a seguir, que os alunos da escola de surf apresentam uma ausência de cuidados quanto ao tempo de exposição ao sol:

Eu entro no mar às 2 da tarde e fico até às cinco e meia da tarde de segunda a sábado(A-3)

Eu só surfo à tarde e durante a semana, entre no mar às 3 horas da tarde e saio às 5 da tarde e, no final de semana, surfo no sábado à tarde (A-1).

Surfo de manhã e à tarde. Entro 11h e só saio 5 horas da tarde (A-4)

Durante a semana, eu surfo à tarde, entro 3 horas e saio às 6 horas. Eu amo surfar... (A-5)

Torna-se significativo, de acordo com Oliveira *et al.*, (2017), que faça uma reflexão referente às narrativas acima quanto às orientações, aos cuidados e aos conhecimentos por parte dos jovens da pesquisa, visto que, de acordo com a literatura, deve ser levada em consideração a reaplicação de filtro solar ao longo do dia e o uso de acessórios. Na visão de Didier, Brum e Aerts (2014) o uso adequado seria uma aplicação 20 minutos antes da exposição ao sol, e a sua reaplicação a cada 2 horas.

Nesse sentido, o estudo reforça que esses acessórios foram pouco identificados e a maneira de uso inadequado. Além disso, a adesão diária ao protetor solar ainda está muito abaixo do ideal previsto pela Organização Mundial de Saúde.

### 3.2 Os hábitos de fotoproteção e prevenção

O estudo de Bakos *et al.*, (2006), traz um argumento sobre essa proteção quando reforça que a utilização adequada de vestimentas e acessórios como chapéus, óculos escuros e sombrinhas são efetivos na proteção contra os danos causados pelos raios solares. Segundo os autores fotoprotetores podem filtrar e absorver a radiação ultravioleta (R-UV) e, sobretudo, vetar para que esta penetre em grandes quantidades na pele.

Os autores complementam que essa proteção favorece a prevenção do fotoenvelhecimento, ocasiona a diminuição do desenvolvimento de uma resposta inflamatória pelas células da pele e o aparecimento de queimaduras, alterações irreversíveis na molécula de DNA. Assim, há uma demonstração que, se deve tomar medidas preventivas à exposição solar.

Sobre essa questão é significativo o relato dos alunos sobre seus hábitos preventivos:

Uso o colete, ele é tipo o protetor solar, que não queima muito. O protetor solar só passo aqui nas minhas mãos, no meu rosto e no pescoço (A6)

Eu passo protetor, eu gosto. Passo pra tomar cuidado, porque a pele muda (A2).

De vez em quando eu passo Sunday, e uso colete. Sempre eu uso o colete, surfo de segunda a domingo (A1).

Eu sei que eu devo cuidar da minha pele, mas não faço quase nada, eu só uso o colete (A4).

Mas eu não gosto do protetor solar, só uso o colete quando eu vou surfar. Eu sei que não faz bem minha pele, pode me prejudicar, eu sei que devo me cuidar (A5).

Apesar de um número de alunos que sabem e compreendem as necessidades e importância do uso do protetor, ainda existem pessoas que, por condições diversas, como a econômica, por exemplo, não têm acesso ao uso do protetor solar como visto na fala a seguir: “eu uso colete, mas não tenho protetor solar...” (A3).

O estudo realizado por Bardini, Lourenço e Fissmer (2012) no Ambulatório Médico de Dermatologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, em Tubarão, Santa Catarina, sobre os hábitos relacionados aos fotoprotetores, apresentam resultados significativos quanto ao uso do protetor. Os autores referem que 57,8% dos entrevistados

afirmaram não usar filtro solar diariamente, enquanto 40,5% fazem uso do produto todos os dias. Já em relação ao uso de fotoprotetor ao frequentarem a praia ou a piscina, o número de usuários de filtro solar foi maior, com 65,5% dos entrevistados afirmando usar fotoprotetor na praia ou piscina. Cerca de 30% não utilizam filtro solar, mesmo sabidamente se expondo ao sol nesses locais. Os pacientes ainda foram questionados sobre a forma como usam o creme protetor solar: 45,7% dos pacientes passam o creme no rosto e no corpo; 41,4% o utilizam apenas no rosto e outros 5,2% utilizam o protetor solar apenas no corpo.

Esses hábitos relacionados aos fotoprotetores apresentados na pesquisa acima também são identificados nas falas dos alunos, pois, quando se referem aos seus hábitos, existe uma superficialidade no que diz respeito às medidas preventivas. Nas falas, há uma recorrência quanto aos hábitos ineficazes, devido ao excesso de contato com o sol e à ausência de cuidado com o corpo.

A realidade dos alunos participantes do estudo aponta uma urgência quanto à necessidade de se pensar em novas estratégias para a conscientização sobre os perigos da exposição solar desprotegida e os cuidados com a saúde. Em consonância com as necessidades atuais de saúde, no que diz respeito à prevenção e promoção, torna-se necessária uma medida e implementação de uma nova percepção sobre os hábitos e as medidas preventivas na Atenção Primária na comunidade.

#### **4 Conclusão**

Com o estudo, foi possível compreender que, apesar de, atualmente, existirem inúmeras campanhas educativas que abordam sobre os riscos da exposição solar ainda existem pessoas que não seguem as recomendações da Associação de Dermatologia sobre os perigos e as consequências dessa exposição, pois não fazem uso de foto protetor solar.

Na pesquisa pode-se verificar que os alunos não possuem conhecimento aprofundado acerca dos riscos que o sol pode ocasionar-lhes. Nesse contexto, há uma urgência de conscientização dos hábitos quanto ao uso de protetores e à valorização das medidas preventivas, como uso de protetor solar, roupas adequadas e óculos escuros.

Outro fato relevante do estudo é quando se identifica uma lacuna no trabalho da equipe multidisciplinar no que refere à iniciativa preventiva educacional por meio de inclusão de temas como o trabalho no estudo nos programas didáticos nas escolas ou na própria comunidade e, que, sobretudo, sejam voltados à Atenção Primária. Esses cuidados

devem ser enfatizados, de maneira eficaz, a ter informações que ajudem a ressignificar o estilo de vida desses atores sociais e que eles tomem conhecimento sobre os cuidados com a sua pele.

À guisa de conclusão, observou-se forte dissociação entre conhecimentos e práticas no que se refere à foto exposição. Importa destacar, portanto, que a dificuldade de transformar conhecimentos em práticas saudáveis é desafio não só da área médica, mas, sobretudo, de todos os profissionais que a eles competem o cuidado, a prevenção e a promoção da saúde.

## Referências

- BARDINI, G.; LOURENÇO, D.; FISSMER, M.C. Avaliação do conhecimento e hábitos de pacientes dermatológicos em relação ao câncer da pele. **Arq. Catarin. Med**, Santa Catarina, v. 41, n. 2, p. 56-63, 2012.
- BATISTA, T. *et al.* Avaliação dos cuidados de proteção solar e prevenção do câncer de pele em pré-escolares. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 17-23, 2013.
- BELEI, R. A. *et al.* O uso de entrevista, observação e vídeo gravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 30, n. 1, p. 187 - 199, jan./jun. 2011.
- BRASIL. Instituto Nacional do Câncer. **Câncer de pele não melanoma e melanoma**. 2012.
- BONFÁ, R. *et al.* Avaliação do conhecimento e hábitos de fotoproteção entre crianças e seus cuidadores na cidade de Porto Alegre. **Surg Cosmet Dermatol**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p.148-53, 2014.
- BOSI, M. L. M. Pesquisa qualitativa em saúde coletiva: panorama e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.I.], v. 17, n. 3, p. 575-586, 2012.
- CASTILHO, I. G.; SOUSA, M. A. A.; LEITE, R. M. S. Fotoexposição e fatores de risco para câncer da pele: uma avaliação de hábitos e conhecimentos entre estudantes universitários. **An Bras Dermatol**, Rio de Janeiro, v. 85, n. 2, p. 173-8, 2010.
- CERETTA, R. S. R. *et al.* Câncer de Pele: incidência na população residente na região noroeste do Rio Grande do Sul no ano de 2009. **Vivências**, Alto Uruguai, v. 8, n. 14, p. 86-91, maio. 2012.
- CESTARI, M. E. W. **A influência da cultura no comportamento de prevenção do câncer**. 2005. Dissertação (Mestrado em Genética e Toxicologia) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.
- CHINEM, V. P.; MIOT, H.A. Epidemiologia do carcinoma basocelular. **An Bras Dermatol**, Rio de Janeiro, v.86, n. 2, p. 292-305, 2011.
- COSTA, F. B.; WEBER, M. B. Avaliação dos hábitos de exposição ao sol e de fotoproteção dos universitários da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS. **An. Bras. Dermatol**, Rio de Janeiro, v.79, n. 2, p. 149-155, 2004.

DE SORDI, J. O. *Pesquisa Científica: seleção, leitura e redação*. São Paulo: **Saraiva**, 2013

DIDIER, F. B. C. W.; BRUM, L. F. S.; AERTS, D. R. G. Castro. Hábitos de exposição ao sol e uso de fotoproteção entre estudantes universitários de Teresina, Piauí. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 23, p. 487-496, 2014.

FABRIS, M. R. *et al.* Avaliação do conhecimento quanto à prevenção do câncer de pele e sua relação com os hábitos da exposição solar e fotoproteção em praticantes de academia de ginástica do sul de Santa Catarina, Brasil. **An. Bras. Dermatol**, Rio de Janeiro, v. 87, n. 1, p. 36-43, 2012.

FLOR, J.; DAVOLOS, M. R. Protetores Solares. **Quim. Nova**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 153-158, 2006.

FREITAS, C. A. F. *et al.* Tratamento cirúrgico da neoplasia maligna de pele não melanoma. Estudo de 100 casos tratados em Campo Grande. **Rev. Bras. Cir. Cabeça Pescoço**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 190-193, 2009.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

HAACK, R. L.; HORTA, B. L.; CESAR J. A. Queimadura solar em jovens: estudo de base populacional no Sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n.1, p. 26-33, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (INCA). Prevenção e controle do câncer: normas e recomendações do INCA. **Rev Bras Cancerol**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 4, p. 493-498, 2002.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (BR). **Estimativa 2014 - incidência de câncer no Brasil**. São Paulo, 2014.

LIMA, A. G. *et al.* Fotoexposição solar e fotoproteção de agentes de saúde em município de Minas Gerais. **Rev. Eletr. Enf.**, Minas Gerais, v. 12, n. 3, p. 478-82, 2010.

MEYER, P. F. *et al.* Investigação sobre a exposição solar em trabalhadores de praia em Natal/RN. **Revista Brasileira de promoção à saúde**, Fortaleza, v. 25, n. 1, p. 103-109, 2012.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: HUDITEC/ABRASCO, 2012.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

NORA, A. B. *et al.* Frequência de aconselhamento para prevenção de câncer da pele entre as diversas especialidades médicas em Caxias do Sul. **An Bras Dermatol**, Rio de Janeiro, v. 79, n. 1, p. 45-51, 2004.

OLIVEIRA, M. C. X. *et al.* Narrativas dos alunos da Escola Beneficente de Surf Sobre a Prevenção à Exposição Solar. *In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA*, 7., 2018, Fortaleza. **Atas...** Portugal: Ludomedia, 2018. p. 1078-1085.

POPIM, R. C. *et al.* Câncer de pele: uso de medidas preventivas e perfil demográfico de um grupo de risco na cidade de Botucatu. **Ciênc Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1331-1336, 2008.



PURIM K. S. M.; TITSKI, A. C. K.; LEITE, N. Hábitos solares, queimaduras e fotoproteção em atletas de meia maratona. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Florianópolis, v.18, n. 5, p. 636-636, 2013.

PURIM, K. S. M.; WROBLEVSK, F. C. Exposição e Proteção Solar dos Estudantes de medicina de Curitiba (Pr). **Rev. Bras. Educ. Med.**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 4, p. 477-485, 2014.

RIZZATTI, K; SCHNEIDER, IJC; E D'ORSI, E. Perfil epidemiológico dos cidadãos de Florianópolis quanto à exposição solar. **Epidemiologia Serv. Saúde**, Brasília, v. 20, n. 4, p. 459-469, 2011, out./dez. 2011.

ROCHA, C. R. M. Fotoexposição: Hábitos e Conhecimento de Estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, Paraíba, v. 22, n.2, p. 149-154, 2018.

SILVA, A, L. *et al.* A importância do uso de protetores solares na prevenção do fotoenvelhecimento e câncer de pele. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, Juazeiro do Norte, v.3, n. 1, p. 1-8, 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA (SBD). Análise de dados das campanhas de prevenção ao câncer da pele promovidas pela Sociedade Brasileira de Dermatologia de 1999 a 2005. **An. Bras. Dermatol**, Rio de Janeiro, v. 81, n. 6, p. 533 – 539, nov./dez. 2006.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA (SBD). **Campanha Nacional de Prevenção ao Câncer de Pele**: estatísticas do câncer no Brasil. Rio de Janeiro, 2012.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA(SBD). **Consenso Brasileiro de Fotoproteção**. Rio de Janeiro, 2013.

SOUZA, R. J. S. A. P. *et al.* Estimativa do custo do tratamento de câncer de pele tipo melanoma no Estado de São Paulo - Brasil. **An Bras Dermatol**, Rio de Janeiro, v. 84, n.3, p. 237-243, jul. 2009.

TUCUNDUVA, L. T. C. M. *et al.* Estudo da atitude e do conhecimento dos médicos não oncologistas em relação às medidas de prevenção e rastreamento do câncer. **Rev. Assoc. Méd. Bras.**, São Paulo, v. 50, n. 3, p. 257-262, 2004.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórica-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

**Recebido em:** 06 de fevereiro de 2019.

**Aceito em:** 26 de julho de 2019.